

CRÔNICA

Paulo Pestana • papestana@uol.com.br



Uma tarde no barbeiro

E prefiro sempre um estabelecimento raiz, nada além da cadeira, um espelho bem grande e um balcãozinho onde fica o instrumental. Não gosto muito desses salões que servem cerveja durante o corte; é muito sem cerimônia para o meu gosto, além de oferecer risco para quem vai estar literalmente no fio da navalha.

Até contei aqui a história de um salão em que era proibido conversar, como se a gente estivesse no banco da frente de um lotação. Mas foi num desses dias corridos que entrei no recinto, com três cadeiras reclináveis, piso de cimento queimado com xadrez vermelho, lâmpadas fluorescentes cilíndricas no teto e uma tevê plana ligada num jogo de futebol que eu não tinha como definir os times à primeira vista. Entrei, educado, cumprimentei aos presentes com um 'boa tarde' coletivo e me dirigi às cadeiras de espera, mas mesmo antes de sentar ouvi o rapaz falar comigo.

— E então? Vota no Lula ou no Bolsonaro? Pode sentar...

O convite eu entendi, até porque ele estava posicionado ao lado da cadeira, já com o pé na alavanca que aumenta a altura. Mas a

MAURENILSON FREIRE



pergunta deu medo, porque naquele instante ele passava os dois lados da navalha no amolador.

Sentei sem responder e já perguntei que jogo estava passando na tevê, mas ele não sabia; emendei com outra afirmação sobre futebol, na esperança de desviar a conversa, ainda que ele já tivesse deixado a navalha para me cobrir com uma bata imensa, que me deixou imaginando o tamanho dos

clientes dele. Também não houve reação.

A minha esperança é que aquela abordagem política fosse apenas uma questão retórica, dessas que não exigem conclusão, como aquelas perguntas da música do Bob Dylan, que esperam respostas trazidas pelo vento. Não era. Depois de uma breve distração com a participação do cliente da cadeira ao lado, o rapaz voltou à carga.

— E então doutor, vai dar

Os tormentosos redemoinhos que infestam o alto da minha cabeleira não fazem de mim um cliente muito refinado ou exigente quando tenho que cortar as madeixas. Prefiro ir sempre na Barbearia dos Amigos, na Asa Norte, mas de vez em quando preciso de uma emergência e entro em qualquer congênera, olhando apenas o aspecto do lugar para saber se respeitam um mínimo de cuidados com os instrumentos e a higiene.

Lula ou Bolsonaro?

A ligeira mudança no tom da pergunta aconteceu quando ele passava aquela tesoura bicuda por entre os dentes de um pente minúsculo, que deslizava pelas têmporas. Clic, clic, clic. Eu só estava ali para me livrar de cabelos desgrenhados, mas além do dinheiro do corte tinha que deixar minha opinião.

Eram todos desconhecidos no recinto. Não sou

candidato a influenciador de nada, nem tenho pretensão de mudar a opinião de ninguém; ainda mais sem ganhar nada. Mas parece que hoje todo mundo tem que expressar o que pensa de qualquer coisa, inclusive exibir coisas que antigamente a gente fechava a porta do banheiro e apagava a luz para ver.

Menos eu. Saí sem dizer nada, com o pior corte que me fizeram na vida.